

O meu corpo é um templo: Eu respeito, eu curo, eu liberto.

É pessoalmente difícil escrever sobre algo tão íntimo como mera observadora. A trajetória dos corpos não-brancos diante de um sistema que esmaga a autoestima deve ser sempre narrada em primeira pessoa. Precisamos nos tornar protagonistas e não meros coadjuvantes em nossa própria história.

- Não faça isso, você pode se machucar.

- Você não tem que obedecer ela, ela que tem que te obedecer, ela é preta. Eu tinha 6 anos quando ouvi essas palavras que ecoaram de forma tão forte na minha cabeça por anos:

- Ela é preta.

E eu era. Eu só não sabia o quanto isso significava, para bem e para o mal.

Início esse texto com o momento mais violento e importante da minha vida. Esse foi o momento da minha descoberta como pessoa negra. A maturidade me trouxe a consciência desse episódio como uma redescoberta. Assim como alguém que se lança rumo a um território desconhecido, as pessoas não-brancas estão em processo de se redescobrirem e ocuparem seus próprios territórios livres em que sejam protagonistas.

A conexão inerente ao passado colonial, cujas consequências estão muito vivas e pulsando em nosso cotidiano, é um meio para buscarmos referências positivas daqueles que tanto sofreram para nos deixarem essa herança indelével que precisa deixar de ser munição para os nossos algozes e se tornar nossa ferramenta de orgulho e luta.

Toda investigação precisa de um momento inicial. O meu momento foi esse. A minha cor que salta aos olhos de quem me vê, meus traços físicos, meu cheiro, meu cabelo, tudo isso já foi objeto de ataque para desconstruir qualquer tipo de orgulho que eu tentasse construir. A nossa autoimagem é totalmente diluída pelos valores eurocêntricos, quando entramos em estado de negação a esses valores, sofremos com a violência múltipla de um sistema que tenta desmontar a todo momento o nosso corpo como um corpo político.

O movimento Black Power da década de 70, por exemplo, foi em diversas partes do mundo não-branco fora da África, um momento importante para reafirmação dos valores estéticos de pessoas negras, apesar de sua importância histórica e simbólica, ela não pôde competir com a reprodução hegemônica dos padrões estéticos eurocêntricos. A disseminação de estereótipos raciais, ligados ao nosso passado colonial se faz presente até hoje, não é fácil se posicionar e negar esses valores tão arraigados em nosso

imaginário. O fortalecimento individual, psicológico é necessário. Encontrar refúgio entre nossos irmãos e irmãs e ajudá-los em sua busca pessoal é fundamental.

“Como nas lutas organizadas que aconteceram nos anos 1960 e princípios da década de 1970, as mulheres negras, como indivíduos, devemos lutar sozinhas por adquirir a consciência crítica que nos capacite para examinar as questões de raça e beleza e pautar nossas escolhas pessoais de um ponto de vista político” (Bell Hooks, Revista Gazeta de Cuba – Unión de escritores y Artista de Cuba, janeiro-fevereiro de 2005. Tradução do espanhol: Lia Maria dos Santos.)

Em meu processo pessoal de investigação comecei a pensar na balança desigual entre as relações de consumo e a exploração da nossa imagem: Ao mesmo tempo que o mercado tornava a minha estética invisível, ele não poupava esforços em explorar as minhas fraquezas de forma violenta e oportunista. Produtos de alisamento que mostravam mulheres negras (hoje vejo como belas mulheres negras com cabelos naturais) que só se tornavam bonitas com as madeixas lisas, cremes hidratantes corporais específicos para peles negras em embalagens marrons e custando mais caro que os demais, desodorantes específicos para peles negras e afins, a completa ausência de produtos nas gôndolas de perfumarias para cabelos cacheados e crespos, mas a presença massiva de produtos para alisamento que exploravam as mulheres negras e sua “transição milagrosa” para uma estética aceitável.

Ou seja, eu não existia se não fosse adequada. Nesse processo doloroso de redescobrimento, passei a me interessar por plantas e seus usos medicinais. A minha conversão religiosa à religião afro-brasileira também foi um condutor importante: “Se essas plantas podem me fornecer benefícios espirituais, quais são os benefícios que eu posso buscar para tratar meu corpo físico?” Eu pensei.

Corpo espiritual e corpo físico se tornaram um lugar-comum. Ao passo que eu fortalecia o meu espírito, eu aprendia a valorizar a minha estética e isso me dava forças para lidar com os desmontes psicológicos.

Foi então que a cosmética natural apareceu e com ela a autonomia que eu tanto buscava. No nosso passado, os nossos ancestrais possuíam um rico saber dessas plantas, que possuíam funções de ordem prática na cura dos males físicos e espirituais. E a esse passado tão presente, eu quis fazer renascer a tradição.

Os primeiros povos africanos a chegarem ao Brasil foram os da etnia Banto (que compreende o território de Angola, Congo e Moçambique), que possuíam um rico saber do uso das plantas como alternativa medicinal, curativa e mágica. As práticas religiosas e de desenvolvimento espiritual embora subjetivas, pois dependem da crença individual, eram também o caminho de fortalecimento psicológico, diante da situação de escravidão, mas sobretudo uma forma de resistência, de se fazer presente em meio a tantas ausências.

Aos negros feiticeiros cabia a função de resolver toda e qualquer demanda de ordem espiritual, física ou emocional a partir dos saberes das plantas. O contato com os povos indígenas nativos promoveu a incorporação dos elementos sacrais e dos saberes das plantas celebrados por eles.

Na contemporaneidade estamos cada vez mais em busca de respostas e de reparos dessa marca indissolúvel que a escravidão nos deixou. Seguimos num caminho de tentar resgatar a nossa força interna e principalmente minimizar as marcas da violência cotidiana. Mas de que forma podemos nos posicionar politicamente se ainda estamos em total invisibilidade e com as nossas referências totalmente esquecidas?

As religiões afro-brasileiras, que às duras penas resistem, são totalmente conectadas ao caráter sagrado da natureza, as plantas e seus saberes ocultos, são um dos caminhos para nos religarmos à nossa memória ancestral.

Em caráter mais subjetivo, a conexão do homem como componente importante da natureza como um todo, é também uma forma de fortalecimento do nosso valor sagrado. Ver nossa imagem refletida na personificação dos Orixás e distante da imagem do Jesus Cristo católico, caucasiano e de olhos azuis nos aproxima desse passado de negação em seu caráter mais elementar: a imposição compulsória dos valores do nosso colonizador e o distanciamento de nossos próprios valores.

Esse não-lugar onde habita o nosso passado, no sentido de estarmos sempre em busca de referências de nossos ancestrais dificulta a nossa tentativa de remontar e reescrever a nossa história. Protagonizar esse lugar faz parte do processo de dar ao nosso corpo o caráter político que tanto nos é necessário para conquistarmos nossa autonomia ante à branquitude.

Pela religiosidade, pela estética, os valores eurocêntricos tentam de toda forma suprimir o conhecimento e a valorização do nossos saberes ancestrais. Em se tratando de estética, vamos sendo obrigados a negar constantemente as nossas características naturais, já que a violência do racismo nos obriga a isso. Mas ao nos colocarmos em posição de enfrentamento precisamos também fortalecer o nosso corpo e sobretudo o nosso

psicológico, uma vez que somos bombardeados de violência ao tornarmos nosso corpo em algo político.

A cosmética natural me mostrou um caminho totalmente possível. A ruptura com o eixo de consumo e a retomada da minha autonomia para com meu corpo me tornou enfim, protagonista em criar meus próprios padrões. O processo de investigação, cura e autorrespeito e principalmente de escuta do nosso corpo que é tão silenciado. Livre de substâncias sintéticas, livre de químicas nocivas e sobretudo livre do eixo predatório do mercado. Um processo de beleza imparcial, autônomo em que o foco é o bem estar e a conexão sagrada entre o corpo, mente e espírito.

O meu corpo é enfim um templo para que eu possa cultivar a minha própria força que é suportada pelos saberes daqueles que carrego em minha memória ancestral: Homens e mulheres cuja a liberdade possuía um significado muito maior, mas que abriu caminhos importantes para que eu pudesse reconhecer meu orgulho e meu valor.